

**VERA  
SAAVEDRA  
DURÃO**

(INTERNA)



# Retomar investimento é o desafio para 2003

**U**m dos maiores desafios que o futuro governo terá de enfrentar para o Brasil voltar a crescer é retomar a capacidade de investir do país. Nestes oito anos de Plano Real a taxa de investimento em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) não chegou a 20% e deve encerrar a administração FHC na casa dos 18% do PIB, inferior aos 19% do ano passado, segundo projeções do insuspeito Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Um estudo do economista Fábio Giambiagi sobre os gargalos do crescimento brasileiro destaca que para o PIB aumentar 5% ao ano a taxa de investimento tem de ser de 25% do produto. Este patamar foi alcançado apenas nos anos 70.

O comportamento do investimento produtivo é medido pela Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) que leva em conta o comportamento da construção civil, da produção de bens de capital (máquinas e equipamentos), da importação de bens de capital, menos as exportações desses produtos. No primeiro trimestre deste ano, conforme o cálculo do PIB trimestral do IBGE, a FBCF registrou uma queda de 8,4% em relação ao primeiro trimestre de 2001, por conta da construção civil que despenhou 8,9%. O Ipea estima que o primeiro semestre do ano ainda feche no vermelho, mas embalado pelas expectativas de uma recuperação pós-eleitoral da economia, estima um crescimento modesto de 2% para a FBCF este ano. No ano passado, este indicador aumentou apenas 1,5%.

O crescimento da FBCF sinaliza novas fábricas, obras de infra-estrutura, política habitacional e aumento nas encomendas de máquinas e equipamentos para a indústria crescer sua produção. Em 2001, o racionamento — por incrível que pareça — chegou a ancorar o pequeno aumento da FBCF face as encomendas das empresas de máquinas para aumentar a oferta de energia. Este ano, o setor agrícola está cooperando para sustentar o investimento produtivo já que a safra poderá alcançar os 98 milhões de toneladas de grãos. Aliás, pelos números do PIB, a agricultura continua amparando a economia brasileira como 500 anos atrás, apesar de se avaliar que o país transpõe as portas da modernidade.

Os números preliminares de desempenho da economia no primeiro semestre estão indicando que as variáveis da FBCF continuam estagnadas ou em queda.

O consumo de cimento, insumo básico da construção civil, encolheu 4,5% entre janeiro e junho, a maior retração desde o ano 2000 quando iniciou sua trajetória cadente, informou o Sindicato da Indústria de Cimento. A Fundação Getúlio Vargas adiantou dados preliminares da Sondagem da Indústria de Transformação de julho, que constataram um aumento relevante na taxa de ociosidade da indústria de bens de capital para 21,20% ante 14,9% no mesmo período do ano passado.

O comportamento do consumo de cimento sinaliza retração ainda forte da construção civil, prejudicada principalmente pela queda da renda e da falta de crédito. Este ano, nem o “efeito eleição” aconteceu para estimular obras públicas. “A lei de Responsabilidade Fiscal inibiu governadores e prefeitos”, disse o secretário-executivo do sindicato do cimento, José Octávio Carneiro de Carvalho.

A turbulência do mercado financeiro neste ambiente pré-eleitoral de desconfianças e incertezas está colaborando para travar mais o investimento produtivo e levar empresários a engavetar projetos.

A prévia da Sondagem Conjuntural de julho confirma o recesso, revelando que, em julho, apenas 30% dos entrevistados esperam um aumento da produção no segundo semestre, ante 40% em abril. Outro dado que vai na contramão dos investimentos é a situação dos estoques da indústria de transformação: 11% da indústria ainda acumula estoques excessivos, ante 1% de estoques insuficientes, pesquisou a FGV.

Economistas como Luiz Afonso Lima Albuquerque, do banco BBV e Francisco Faria, da LCA Consultores, acreditam que no curto prazo, ou seja, no próximo ano, quando a maioria dos bancos e consultoria projeta crescimento do PIB de 3,5% a 4%, com cenário do candidato da situação ganhando, a indústria possa crescer sem investimentos, se nutrindo apenas de sua capacidade ociosa, na faixa de 20%. “Mas, isto tem limites”, alerta Faria.

A coisa pode se inverter com a oposição no poder, avaliam estrategistas de bancos estrangeiros. Se o PT ganhar prevêem um cenário de liquidez zero para o Brasil em 2003 e aprofundamento da recessão local até que os investidores acreditem que a nova administração é confiável para o capital estrangeiro.

## Formação bruta de capital fixo e componentes

Trimestre sobre igual trimestre do ano anterior\*, em %

	FBCF	Construção	Exportações	Importações	Produção	Consumo aparente
Jun/98	1,7	4,6	26,7	-8,6	6,4	-2,0
Set/	-1,3	0,4	-6,9	-9,9	-3,3	-5,5
Dez	-4,3	-2,8	-6,1	-10,0	-14,0	-13,0
Mar/99	-6,9	-4,6	-6,8	-18,4	-11,8	-15,0
Jun	-8,5	-5,1	2,1	-4,8	-15,5	-14,3
Set	-9,6	-3,9	14,0	-28,0	-12,6	-22,3
Dez	-3,7	-0,9	14,0	-28,2	6,3	-11,8
Mar/00	-0,1	2,3	55,6	-10,6	6,4	-8,2
Jun	3,5	1,6	34,0	-9,6	10,4	-2,8
Set	6,1	2,2	42,4	18,8	20,3	14,7
Dez	8,3	2,3	21,1	14,8	14,7	13,6
Mar/01	11,0	4,1	-3,8	43,7	20,9	35,6
Jun	2,8	0,5	-12,0	26,1	17,4	28,0
Set	1,7	-5,3	-18,9	3,1	12,3	15,9
Dez	-7,5	-8,3	-18,7	0,3	1,7	4,6
Mar/02	-7,9	-8,8	-10,4	-20,1	-1,8	-7,5

Fontes: IBGE e Funcex. Elaboração: Ipea.

Obs: decomposição da FBCF e estimativa para o primeiro trimestre: Ipea. \* Máquinas e equipamentos

Vera Saavedra Durão é repórter especial no Rio

E-mail: vera.durao@valor.com.br